

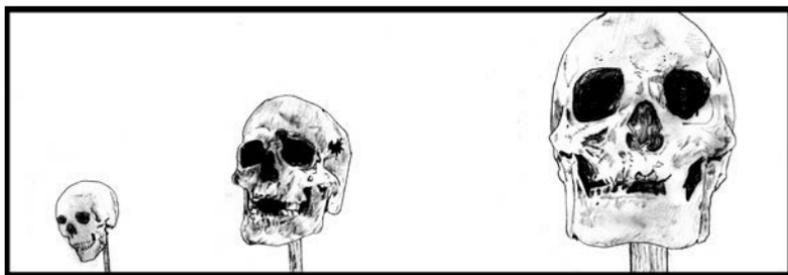
Roderick Gordon e Brian Williams

TÚNEIS

O Jardim do Segundo Sol

Tradução

Maria Dulce Guimarães da Costa

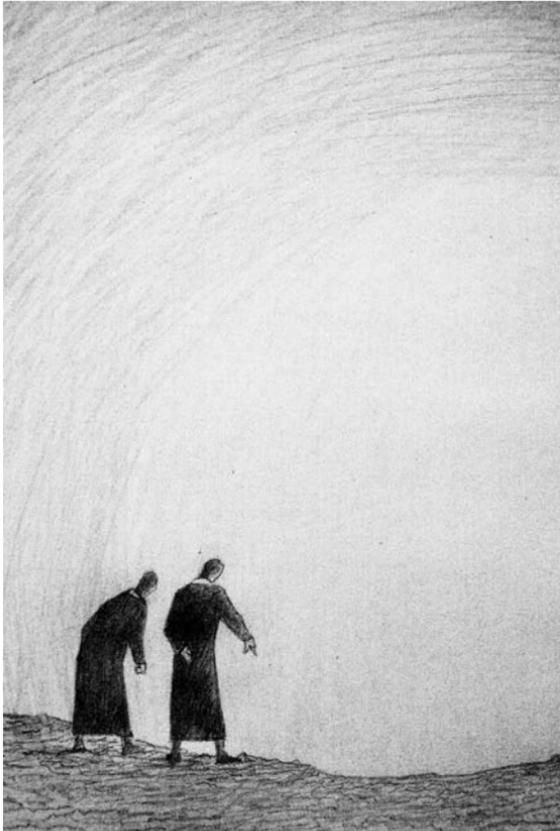


Livro 3

|||||
casadasletras

PARTE UM

Mais Perto, Mais Longe



Capítulo Um



– **E**eerrh – resmungou Chester Rawls baixinho para consigo. Tinha a boca tão seca que só depois de alguns instantes é que conseguiu realmente falar.

– Au, mamã, vai-te embora, por favor – conseguiu finalmente dizer, mas sem soar desagradável.

Qualquer coisa lhe fazia cócegas no tornozelo, tal como a mãe costumava fazer quando ele não reagia ao som do despertador e não se arrastava para fora da cama. E ele sabia que não haveria pausa nas cócegas até que ele atirasse o edredão para trás e se comesçasse a arranjar para ir para a escola.

– Por favor, mamã, só mais cinco minutos – implorou, com os olhos ainda fechados.

Sentia-se tão confortável que só queria ficar ali deitado o máximo de tempo possível, a saborear cada segundo. Na verdade, muitas vezes costumava fingir que não tinha ouvido o despertador porque sabia que a mãe acabaria por vir verificar se ele se havia levantado.

Adorava aqueles momentos quando abria os olhos e ela estava lá sentada, empoleirada no fundo da cama. Adorava a jovialidade e o sorriso dela, tão cintilante como o sol matinal. E ela estava assim todas as manhãs, por muito matutina que fosse a hora.

– Sou uma pessoa madrugadora – proclamava ela alegremente –, mas para o velho rabugento do teu pai são precisas várias chávenas de café até ele ficar no seu estado normal.

E depois fazia uma cara feia e puxava os ombros para a frente, soltando uns rosnidos como os de um urso ferido, e Chester imitava-a e desatavam os dois a rir.

Chester sorriu, mas nessa altura o seu sentido do olfacto despertou violentamente e apagou-lhe o sorriso da cara.

– Hee! Mamã, que cheiro é esse? É nojento! – arquejou ele, incapaz de explicar aquele pivete.

Como se alguém tivesse desligado o televisor, a imagem da mãe desapareceu. Sentiu-se imediatamente ansioso e abriu os olhos.

Escuridão.

– O que é isto? – murmurou.

Estava em volta dele, impenetrável e ininterrupta. Depois, apanhou qualquer coisa pelo canto do olho – um clarão fraco. *Porque é que está tão escuro aqui?*, perguntou a si próprio. Embora não conseguisse ver a mais pequenina coisa que lhe confirmasse que estava no seu quarto, a mente trabalhava a todo o vapor para o convencer de que estava realmente lá. *Aquela luz virá da janela, e aquele cheiro... Será que alguma coisa deitou por fora no fogão lá em baixo? O que se passa?*

O cheiro era intenso. Era sulfuroso, mas, ao mesmo tempo, havia qualquer coisa por baixo dele... o odor forte e ácido da putrefacção. A mistura encheu-lhe as narinas e fê-lo sentir-se nauseado. Tentou levantar a cabeça para olhar em volta. Não conseguiu, pois estava presa por uma coisa qualquer e o mesmo acontecia com os braços e as pernas; sentia-se como se todo o seu corpo estivesse a ser sugado. O primeiro pensamento foi que estava paralisado. Não gritou, mas inspirou fundo várias vezes, muito depressa, para tentar reprimir o terror. Disse a si mesmo que não perdera o sentido do tacto, nem sequer nas extremidades, por isso, provavelmente, não estava paralisado. Sentiu-se ainda mais encorajado por ser capaz de mexer os dedos dos pés e das mãos, embora só muito ligeiramente. Parecia que estava metido numa coisa firme e dura.

As cócegas no tornozelo recomeçaram, como se o fantasma da mãe ainda ali estivesse e a sua imagem ténue voltou a cintilar-lhe na mente.

– Mamã? – chamou, pouco seguro.

As cócegas pararam e ouviu um som baixo e lamentoso. Não parecia humano.

– Quem é? Quem está aí? – perguntou para a escuridão.

Depois ouviu o que era inquestionavelmente um miado.

– *Bartleby?* – gritou Chester. – És tu, *Bartleby?*

Ao pronunciar o nome do gato, os acontecimentos no Poro vieram-lhe à memória numa torrente vívida. Arquejou ao lembrar-se de como ele, Will e Elliott, com um buraco imenso atrás deles chamado o Poro, tinham sido encurralados pelos Limitadores.

– Oh, meu Deus! – choramingou.

Haviam enfrentado uma morte quase certa às mãos dos soldados Styx. Parecia uma cena de um pesadelo, uma cena que se recusava a desaparecer mesmo depois de acordado. E tudo aquilo lhe parecia tão fresco como se se tivesse passado há apenas uns minutos.

Depois, vieram mais recordações.

– Oh, Jesus! – murmurou, recordando o momento em que Rebecca, a rapariga Styx que fora implantada na família de Will, revelara que tinha uma irmã gémea verdadeira. Lembrou-se das gémeas a troçarem impiedosamente de Will e tirando um prazer demasiado cruel na divulgação do seu plano para ceifarem um número imenso de Pessoas da Superfície, utilizando o Domínio, um vírus mortal. As gémeas a dizerem a Will para se entregar e depois o irmão dele, Cal, a sair do esconderijo, a chorar querendo ir para casa.

Depois lembrou-se da saraivada de balas que tinha atingido o rapaz.

Cal estava morto.

Chester estremeceu, mas forçou-se a recordar o que acontecera a seguir. A imagem do amigo, Will, veio-lhe à memória – ele e Chester estendiam as mãos um para o outro, Elliott gritava e estavam todos amarrados uns aos outros com uma corda. Chester soube naquele preciso instante que ainda havia esperança... mas porquê? *Porque é que havia esperança... não conseguia lembrar-se.* Tinham sido apanhados numa situação desesperada, sem saída. A mente de Chester estava tão desnorteada que levou alguns segundos a pôr ordem nos pensamentos.

Sim! Era isso! Elliott estava a tentar levá-los para baixo, para dentro do Poro... ainda havia tempo... iam conseguir fugir.

Mas tinha corrido tudo pavorosamente mal. Chester fechou os olhos com força como se as retinas ainda ardessem com os clarões intensos e a brancura abrasadora das explosões, quando

estavam a ser bombardeados pelas armas poderosas da Divisão Styx. Reviveu a sensação do chão a estremecer por baixo de si e depois outra recordação veio à superfície: a imagem enevoada de Will a ser projectado pelo ar, por cima da cabeça dele, e a cair dentro do Poro.

Chester lembrou-se do pânico cego que sentira quando ele e Elliott tentaram não ser arrastados pela combinação do peso dos corpos de Will e Cal. Mas foram esforços vãos porque estavam atados uns aos outros e a única coisa de que se lembrava era de serem violentamente arremessados, os quatro, para dentro do vácuo escuro do Poro.

Agora lembrava-se da sensação do incessante vento fortíssimo, que lhe cortava a respiração... e clarões de luz vermelha e um calor incredivelmente intenso... mas agora...

... mas *agora*...

... agora era suposto estar *morto*.

Então o que era isto? Onde raio estava?

Bartleby voltou a miar e Chester sentiu o bafo quente do animal na cara.

– *Bartleby*, és tu, não és? – gaguejou Chester.

A cabeça enorme do animal estava a poucos centímetros dele. Claro, tinha de ser *Bartleby*. Chester quase se esquecera de que o animal também tinha sido atirado pela borda ao mesmo tempo que eles... e cá estavam ambos.

Depois Chester sentiu uma língua húmida raspar-lhe a bochecha.

– Sai! – berrou ele. – Pára com isso!

Bartleby lambeu-o ainda mais vigorosamente, claramente deliciado com a reacção de Chester.

– Larga-me, gato estúpido! – gritou Chester com um alarme crescente.

Não era só por não conseguir parar o animal; é que a língua de *Bartleby* era tão abrasiva como uma folha de lixa e ser lambeido por ele era, de facto, muito doloroso. Renovando os esforços para se libertar, Chester lutou furiosamente ao mesmo tempo que gritava a plenos pulmões.

A gritaria não pareceu deter o animal nem um bocadinho e Chester não teve outra opção senão silvar e cuspir tão selvaticamente quanto conseguiu. Por fim, resultou e *Bartleby* recuou.

Tentou gritar por Elliott e depois por Will, embora não soubesse se algum deles tinha resistido à queda. Tinha a sensação mais pavorosa na boca do estômago de que podia ser o único que ficara vivo, para além do gato, claro. Isso quase tornava a situação pior – a ideia de que só restava ele e o gigantesco animal baboso.

Uma hipótese atingiu-o como uma bola de críquete na cabeça... e se, por um milagre qualquer, tivesse aterrado mesmo no fundo do Poro? Lembrou-se do que Elliott lhes tinha dito – que não só a abertura tinha mais de um quilómetro de largura, como era tão funda que só um homem, segundo rezava a história, havia conseguido trepar para fora dela. Tremeu incontrolavelmente dentro do que a substância invisível em que estava enfiado lhe permitiu. Estava a viver o seu pior pesadelo.

Estava enterrado vivo?

Fora enfiado numa espécie de campa baixa com a forma do corpo, encalhado nas entranhas da Terra. Como é que alguma vez iria sair do Poro e voltar para a Superfície? Ainda era mais fundo do que as Profundezas – e ele que achara que isso já era suficientemente mau. A perspectiva de voltar para casa, para os pais e para a sua previsível e agradável vidinha estava a ficar cada vez mais distante.

– Por favor, só quero ir para casa – disse para si próprio, atropelando as palavras e, assaltado por ondas alternadas de claustrofobia e pavor, encheu-se de suores frios.

Então, enquanto estava ali deitado, uma vozinha na cabeça disse-lhe que não se podia entregar aos seus medos. Parou de falar. Sabia que tinha de se soltar do que quer que fosse que o prendia como cimento a endurecer e encontrar os outros. Podiam precisar da sua ajuda.

Usando um processo de tensão, relaxamento e contorção levou dez minutos para soltar parcialmente a cabeça e conseguir algum movimento num dos ombros. Depois, enquanto contraía os músculos dos braços, ouviu-se um horrível barulho de sucção e um deles libertou-se subitamente do material esponjoso colado ao corpo.

– Consegui! – exclamou ele.

Embora o movimento do braço fosse limitado, gastou uns instantes a apalpar a cara e o peito com a mão. Encontrou as alças

da mochila e abriu as duas fivelas, pensando que isso poderia ajudá-lo a alcançar a liberdade. Depois, enquanto se concentrava na libertação do resto do corpo, arquejando e gemendo, foi ficando cada vez com mais calor devido ao esforço da execução destes pequenos movimentos. Era como se se estivesse a soltar de um molde. Todavia, parecia que, devagarinho, ia dando resultado.

Muitos quilómetros acima de onde estava Chester, no alto do Poro, o velho Styx estava parado a olhar para o seu interior enquanto a água caía num chuvisco constante à volta dele e, algures, ao longe, matilhas de cães uivavam.

Embora o rosto estivesse cheio de rugas fundas e o cabelo salpicado de fios de prata, a idade não fragilizara este homem. O corpo magro e alto estava esticado como um arco sob o casaco comprido de couro abotoado até ao pescoço. E, quando a luz incidia neles, os olhos pequenos refulgiam como duas contas de azeviche muito polido e de todo o seu ser emanava uma sensação de poder, que parecia invadir a escuridão à sua volta e dominá-la.

Quando fez sinal com uma mão, outro homem subiu para o lado dele e os dois ficaram parados, ombro a ombro, na beira do vazio. Esta segunda pessoa era espantosamente parecida com o velho, embora o rosto ainda não estivesse sulcado de rugas e o cabelo fosse tão preto e arrepiado para trás que poderia facilmente ser confundido com um barrete colado ao crânio.

Estes homens, membros de uma raça secreta designada por Styx, estavam a investigar um incidente que ocorrera pouco tempo antes. Um incidente em que o velho Styx perdera as netas gémeas, projectadas da borda para dentro do vazio.

Embora houvesse poucas probabilidades de qualquer das raparigas ainda estar viva, a cara do velho Styx não revelava qualquer traço de dor ou angústia pela sua perda enquanto disparava ordens num ladrar *staccato*.

Houve uma azáfama renovada quando os Limitadores à volta do Poro lhe obedeceram. Estes soldados, parte de um destacamento especial que treinava nas Profundezas e realizava operações clandestinas na Superfície, envergavam fardas castanhas – casacos pesados e calças grossas – apesar das temperaturas ele-

vadas naquela profundidade da Terra. As caras magras mantiveram-se impassíveis e determinadas enquanto um grupo numeroso deles utilizava as miras montadas nas espingardas para investigarem cuidadosamente as profundezas do Poro, enquanto outros baixavam lá para dentro cabos com globos luminosos para investigarem as zonas mais altas. Era improvável que as gémeas tivessem conseguido evitar a morte, mas o velho Styx tinha de ter a certeza.

– Alguma coisa? – ladrou na sua própria língua, um idioma nasal e áspero.

As palavras ecoaram à volta do Poro e subiram pela encosta atrás dele, onde outros soldados, com a sua eficiência habitual, estavam já a dismantelar as enormes e pesadas armas que tanta destruição tinham causado no preciso local onde agora se encontravam.

– É óbvio que pereceram – disse o velho Styx baixinho para o seu jovem ajudante, recomeçando imediatamente a gritar ordens no volume habitual.

– Concentrem os vossos esforços para encontrarem os frascos!

Estava a contar com o facto de uma das gémeas, ou ambas, terem tido tempo para soltarem os pequenos recipientes de vidro pendurados ao pescoço antes de terem sido atiradas para o vazio.

– Precisamos desses frascos!

O seu olhar irascível caiu sobre os Limitadores que rastejavam à sua volta enquanto passavam a pente fino todos os centímetros do terreno. Procuravam meticulosamente por baixo de cada um dos bocados de rocha estilhaçada e peneiravam a terra revolvida, ainda fumegante dos resíduos dos explosivos das granadas que tinham sido disparadas para ali. De quando em quando, esses resíduos acendiam-se e pequenos clarões voltavam a brotar do solo, desaparecendo com a mesma rapidez com que haviam surgido.

Ouviram-se gritos de aviso e vários Limitadores lançaram-se para trás quando uma faixa de terra mais afastada, na margem do Poro, se desmoronou com um estrondo surdo. Toneladas de rocha e terra, que se tinham soltado com os bombardeamentos, desmoronaram e deslizaram para o abismo. Embora tivessem escapado por um triz, os soldados limitaram-se a levantar e a retomar as suas tarefas, aparentemente impávidos com o que acabara de acontecer.

O velho Styx voltou-se para olhar demoradamente para a escureidão no cimo da encosta.

– Não há dúvida de que foi ela – disse o seu jovem ajudante, também ele a contemplar a encosta. – Foi a Sarah Jerome quem levou as gémeas com ela.

– Quem mais poderia ter sido? – retorquiu o velho desabridamente a abanar a cabeça. – E o mais impressionante é que ela o fez mesmo estando mortalmente ferida. – Voltou-se para o ajudante. – Estivemos a brincar com o fogo quando a pusemos contra os filhos e, muito simplesmente, queimámos os dedos. Nunca nada é simples quando se trata daquele jovem Burrows – e, emendando-se rapidamente, continuou – se *tratava* daquele jovem Burrows.

Também ele acreditava que Will estava morto. Calou-se com o sobrolho carregado, expirando fundo antes de voltar a falar:

– Mas conta-me lá, como é que a Sarah Jerome conseguiu chegar até aqui? Quem era o responsável pela área? – Espetou um dedo na direcção das encostas mais altas. – Quero que eles me respondam.

O jovem ajudante curvou a cabeça indicando que acatava a ordem e foi-se embora.

Apareceu imediatamente uma outra figura no lugar dele. Era tão distorcida e corcunda que, à primeira vista, era difícil perceber se era realmente humana. Debaixo de um xaile rígido curtido pela porcaria, um par de mãos nodosas e deformadas retorceu-se até saírem para a luz. Com movimentos semelhantes aos dos pássaros, as mãos levantaram o xaile revelando uma cabeça pavorosamente deformada com excrescências bulbosas, tão numerosas que em certos sítios pareciam crescer umas em cima das outras. Tufos escorridos de cabelos húmidos emolduravam-lhe a cara, onde estavam inseridos dois olhos perfeitamente brancos. Desprovidos de íris e pupilas, giravam de um lado para o outro como se conseguissem ver.

– Condolências e essas coisas todas, pela perda de... – arquejou a figura asmaticamente, deixando as palavras morrer em sinal de respeito.

– Obrigado, Cox – respondeu o velho Styx, agora a falar na língua da Superfície. – Cada homem é o arquitecto do seu próprio destino e coisas desafortunadas podem sempre acontecer.

Num movimento repentino, Cox varreu o fio de saliva leitosa pendurado nos lábios enegrecidos com a parte de trás do pulso, espalhando-o pela pele cinzenta. Levantou o braço magricela até meio do peito e depois, com um sacão, levantou-o mais alto até à cara e tocou na excrescência em forma de melão da testa com um dedo que parecia também um melão.

– Pelo menos, as suas raparigas arrumaram com o Will Burrows e essa porca da Elliott – disse ele. – Mas vai continuar a vasculhar as Profundezas até apanhar os últimos renegados, não vai?

– Até ao último dos últimos, usando a informação que nos deste – respondeu o velho Styx e, depois, deitando-lhe um olhar de entendido, perguntou: – Mas porque perguntas, Cox?

– Por nada – respondeu o vulto disforme, rápido como um relâmpago.

– Ah, mas eu acho que há... estás preocupado porque até agora o Drake conseguiu escapar-nos. E sabes que, mais cedo ou mais tarde, ele virá à tua procura, para ajustar contas.

– Vai vir, sim. E eu estarei preparado para ele – declarou Cox cheio de prosápia, mas uma veia azul tipo cobra a pulsar debaixo de um dos olhos dizia o contrário. – O Drake pode atirar uma chave inglesa...

O velho Styx levantou uma mão para o calar quando o jovem ajudante voltou a toda a velocidade com três Limitadores colados aos calcanhares. Os três soldados formaram uma fila e ficaram rigidamente em sentido, os olhos fixos num ponto à frente deles e as espingardas ao lado do corpo. Dois eram subalternos jovens ao passo que o outro era um oficial, um veterano grisalho com muitos anos de serviço.

Com os punhos cerrados, o velho Styx percorreu a fila vagarosamente e parou à frente do último, que por acaso era o veterano. Voltou-se de frente para ele e, com as caras separadas por escasos centímetros, o velho Styx manteve a sua posição durante vários segundos antes de baixar os olhos para a túnica de combate do homem. Três fios curtos de algodão, de cores diferentes, saíam do tecido logo acima do bolso do peito. Estes fios brilhantes eram condecorações por actos de bravura – o equivalente Styx às medalhas dos habitantes da Superfície. O velho Styx fechou os dedos enlucados à volta deles, arrancou-os e atirou-os à cara do veterano. O veterano não pestanejou nem mostrou a menor reacção.

O velho Styx recuou, depois apontou para o Poro tão desconfiadamente como se estivesse a afastar com a mão uma mosca aborrecida. Os três soldados quebraram a formação. Encostaram as espingardas umas às outras, formando uma pirâmide. Depois, desapertaram os cintos volumosos e depositaram-nos numa pilha muito bem feita à frente das espingardas. Sem outra ordem do velho Styx, dirigiram-se em fila indiana para a borda do Poro e, um a seguir ao outro, deram um passo para dentro dele. Nenhum soltou um grito sequer. E nem um dos seus camaradas nas imediações parou o que estava a fazer para ver os três soldados precipitarem-se para o abismo.

– Justiça dura – comentou Cox.

– Nós exigimos a excelência – replicou o velho Styx. – Eles falharam. Já não tinham qualquer utilidade para nós.

– Sabe, as raparigas podem ter sobrevivido – alvitrou Cox.

O velho Styx voltou-se para prestar toda a atenção a Cox.

– É verdade... a tua gente acredita mesmo que um homem caiu lá dentro e sobreviveu, não é assim?

– Não são a *minha* gente – resmungou Cox pouco à vontade.

– Um mito qualquer sobre um glorioso Jardim do Paraíso à espera lá no fundo – disse o velho Styx em tom de brincadeira.

– Uma data de tolices – balbuciou Cox e começou a tossir.

– Nunca pensaste em experimentar?

O velho Styx não esperou por uma resposta e, batendo as palmas com as mãos enluvadas, voltou-se para o ajudante.

– Manda um destacamento para o Bunker para extraírem amostras do vírus Domínio dos cadáveres que lá estão. Se o pudermos voltar a cultivar, podemos manter o plano inicial. – Inclinou a cabeça para o lado e sorriu maldosamente para Cox. – Não iríamos querer que os habitantes da Superfície ficassem sem o seu Dia do Juízo Final, pois não?

Ao ouvir isto, Cox explodiu numa gargalhada casquinada, soltando uma nuvem de perdigotos leitosos para o ar.

Chester recusou permitir-se um segundo de descanso. O que quer que fosse que o mantinha preso parecia oleoso na pele e, enquanto se debatia, ia ficando cada vez mais convencido de que aquilo era a origem do cheiro pestilento. Ao esforçar-se por

soltar o segundo braço, o outro ombro libertou-se de repente e, depois, inesperadamente, a parte superior do torso ficou livre. Rugiu triunfalmente e sentou-se com um barulho de sucção muito alto.

Rapidamente, apalpou à sua volta na escuridão profunda. Estava completamente preso numa substância que parecia borraça e descobriu que só conseguia chegar à camada de cima. Rasgou tiras pequenas de ambos os lados à sua volta – eram fibrosas e oleosas ao tacto e não fazia a menor ideia de que eram feitas. Fosse o que fosse, aquilo parecia ter absorvido o impacto da sua queda dentro do Poro. Por muito louca que a ideia parecesse, era provavelmente a razão de ele ainda estar vivo.

– Nem pensar! – disse em voz alta, afastando a ideia.

Era demasiado inverosímil – tinha de haver outra explicação.

A lanterna que tinha estado presa ao casaco, não se via em parte alguma, por isso vasculhou rapidamente os bolsos à procura dos globos luminosos de reserva.

– Raios! – exclamou ao descobrir que o bolso de trás estava rasgado e o seu conteúdo desaparecera, globos de luz incluídos.

Falando rapidamente consigo próprio para se manter animado, tentou levantar-se.

– Oh! Não me lixem! – gemeu ao descobrir que as pernas ainda estavam firmemente entaladas no material esponjoso e que não se conseguia levantar. Mas aquilo não era a única coisa que o prendia.

– O que é isto? – perguntou ao descobrir a corda atada à volta da cintura.

Era a corda de Elliott, que tinham usado para se prenderem uns aos outros no cimo do Poro. Agora restringia-lhe os movimentos à esquerda e à direita e estava firmemente enfiada no material esponjoso. Sem a ajuda de uma faca, não tinha outra alternativa senão a de tentar desfazer o nó. Isto era mais fácil de dizer do que de fazer porque as mãos estavam encharcadas do fluido oleoso e escorregavam constantemente da corda.

Com muita confusão e ainda mais pragas, acabou por desfazer o nó e depois alargar a laçada à volta dele.

– Finalmente! – berrou.

Com um barulho semelhante a alguém a acabar de beber uma bebida com uma palhinha, despreendeu as pernas. Uma das botas

ficou presa, solidificada no material. Teve de usar as duas mãos para a puxar para fora e voltou a calçá-la antes de se levantar atabalhoadamente.

Foi neste momento que percebeu quanto lhe doíam todas as partes do corpo – como se tivesse acabado de fazer o jogo de rãguebi mais duro de toda a sua vida, talvez contra uma equipa de gorilas particularmente beligerante.

– Au! – queixou-se enquanto esfregava os braços e as pernas, descobrindo também que tinha queimaduras à volta do pescoço e nas mãos provocadas pela corda. Com um gemido alto, esticou as costas, espreitando para cima para ver se descobria de onde caíra. O mais estranho era que, depois do início da queda, quando o ar lhe batera na cara com tanta força que mal conseguia respirar, não se lembrava de muita coisa até *Bartleby* o ter acordado a esfregar o focinho no seu tornozelo.

– Raios! Onde é que estou? – perguntou repetidamente, permanecendo na vala.

Reparou numas áreas fracamente iluminadas – embora não soubesse o que é que as criava, o alívio de não estar na escuridão total fê-lo sentir-se ligeiramente melhor. E, à medida que os olhos se iam adaptando, conseguia distinguir, muito vagamente, a silhueta fugidia do gato a dar voltas em redor dele como um jaguar a rondar a presa.

– Elliott! – gritou. – Estás aí, Elliott?

Apercebeu-se de que, quando gritava, havia um eco claro que vinha da sua esquerda, mas da direita não vinha nada. Gritou mais umas vezes, esperando sempre por uma resposta.

– Elliott, consegues ouvir-me? Will! Olá, Will! Estás aí?

Mas ninguém lhe respondeu.

Disse para consigo que não podia ficar ali parado todo o dia, apenas a gritar. Percebeu que um dos pontos de luz vinha de bastante perto e resolveu alcançá-lo. Saiu a custo do fosso usando as mãos como garras. Como estava ensopado no fluido escorregadio, não arriscou pôr-se de pé e continuou a deslocar-se de gatas sobre a superfície elástica. Reparou noutra coisa ao avançar: sentia-se estranhamente leve, como se estivesse a flutuar na água. Interrogando-se se isto seria porque as pancadas que recebera na cabeça o estavam a pôr um pouco tonto, disse a si próprio para se concentrar na tarefa que tinha entre mãos.

Avançou vagarosamente com movimentos pequenos e decididos, com os dedos estendidos na direção da luz. Então a luz pareceu incidir na parte de baixo da palma da mão estendida e ele percebeu que provinha de qualquer coisa embutida no material elástico. Enrolou a manga e enfiou o braço no buraco para a tirar.

– Que nojo! – exclamou quando tirou a luz para fora, o braço coberto com o líquido untuoso.

Era uma lanterna dos Styx. Não sabia se seria a dele ou se era de um dos outros, mas isso não interessava naquele momento. Ergueu a lanterna para avaliar o que o rodeava, a confiança a aumentar ao ponto de resolver levantar-se.

Descobriu que estava numa superfície acinzentada – não era de modo nenhum lisa, mas sim estriada, com uma textura algo parecida com a da pele de um elefante. A luz revelou que havia outras coisas presas nela que iam de pequenos seixos a substanciais bocados de rocha. Era evidente que tinham embatido no material da superfície com alguma força e penetrado nele, tal como acontecera com ele.

Levantou mais a lanterna e viu que o chão se estendia de todos os lados num planalto que ondulava suavemente. Pisando com cuidado para não se desequilibrar, Chester voltou para o seu buraco para o inspeccionar mais de perto. Não conseguia acreditar no que via e soltou uma gargalhada abafada com a surpresa. Estava a olhar para um molde perfeito de si próprio, profundamente enterrado na superfície desse mesmo material. A visão trouxe-lhe à memória os desenhos animados dos sábados de manhã com o desgraçado do coioote, que parecia acabar sempre por cair de grandes alturas deixando impressa a sua forma de coioote quando atingia o chão do desfiladeiro. E ali estava uma versão real da forma de Chester! Os desenhos animados já não pareciam tão engraçados.

Barafustando sem querer acreditar no que via, voltou a saltar para o buraco para tirar a mochila, o que não foi tarefa fácil. Mal a conseguiu soltar, pô-la aos ombros e saiu do buraco. Depois dobrou-se para levantar a corda.

– Esquerda ou direita? – perguntou para consigo, olhando para os lados opostos da corda que desapareciam na escuridão.

Escolhendo uma direção ao acaso e preparando-se para o que pudesse encontrar, começou a seguir a corda, levantando-a da superfície elástica enquanto andava.

Tinha percorrido cerca de dez metros quando, de repente, a corda se lhe soltou das mãos e caiu para trás ficando sentado. Grato por o tapete subterrâneo revestido de borracha lhe ter absorvido a queda, voltou a levantar-se e examinou a ponta da corda. Estava esfiapada como se tivesse sido cortada. Apesar disso, conseguia seguir a linha que tinha deixado e depressa chegou a uma impressão mais profunda no chão. Andou à volta da forma, de modo a que a luz da lanterna incidisse dentro dela.

Não havia dúvida de que parecia que tinha estado lá alguém; o contorno exterior não era tão perfeito quanto o dele, como se quem o tivesse provocado houvesse aterrado de lado.

– Will! Elliott! – gritou ele outra vez.

Continuou sem obter resposta, mas *Bartleby* reapareceu repentinamente, fixando os enormes olhos vigilantes em Chester.

– O que é? O que queres? – resmungou-lhe Chester impacientemente.

O gato virou-se na direcção contrária e, com o corpo colado ao chão, começou a rastejar em frente.

– Queres que vá contigo... é isso? – perguntou Chester quando percebeu que *Bartleby* se comportava exactamente como se estivesse a perseguir qualquer coisa.

Seguiu o gato até chegarem a uma superfície vertical – uma parede de material elástico cinzento por onde escorriam regatos de água.

– E agora para onde? – perguntou Chester, começando a pensar que o gato era capaz de o estar a levar para uma caça aos gambozinos.

Chester estava relutante em se afastar para muito longe com receio de se perder, mas sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de enfrentar a situação e explorar toda a área.

Com a cauda esquelética espetada atrás dele, *Bartleby* apontava o focinho para o que parecia ser uma fenda na parede. Por cima da abertura, a água jorrava num chuveiro contínuo.

– Ali dentro? – perguntou Chester enquanto tentava que a luz da lanterna atravessasse a água.

Em resposta, *Bartleby* atravessou o lençol de água e Chester seguiu-o.

Descobriu que estava numa espécie de caverna. *Bartleby* não estava sozinho lá dentro. Parecia que outra pessoa se encontrava

lá sentada, enrolada sobre si própria e rodeada por folhas de papel espalhadas pelo chão.

– Will! – arfou Chester, quase sem conseguir falar de tão aliviado que se sentia por o amigo se ter safado.

Will levantou a cabeça, descontraindo os dedos que tinham estado apertados com toda a força em volta de um globo luminoso e permitindo que a luz lhe iluminasse o rosto. Não disse nada, olhando estupefacto para Chester.

– Will? – repetiu Chester.

Alarmado com o silêncio do amigo, agachou-se ao lado dele.

– Estás ferido?

Will limitou-se a olhar para ele. Depois passou uma mão pelo cabelo branco, lustroso com o óleo, fez uma careta e piscou um olho como se o esforço para falar fosse demasiado.

– O que se passa? Fala comigo, Will!

– Sim, estou bem. Tenho tudo em ordem – acabou por responder Will numa voz monótona. – Para além de ter uma dor de cabeça do caraças e de as pernas me doerem como o raio. E os meus ouvidos não param de dar estalos. – Engoliu várias vezes. – Deve ser da diferença de pressão.

– Pois, os meus também – respondeu Chester e depois apercebeu-se de como aquilo não tinha qualquer importância naquela altura. – Mas, Will, há quanto tempo estás aqui?

– Não sei.

– Mas, porque é... o que... tu... – disse Chester atabalhoadamente, as palavras a tropeçarem umas nas outras.

– Will, conseguimos! – exclamou ele, explodindo às gargalhadas. – Conseguimos, porra!

– É o que parece – respondeu o amigo num tom indiferente, apertando os lábios com força.

– O que se passa contigo? – quis saber Chester.

– Não sei – balbuciou Will. – A verdade é que não sei o que está bem ou o que está mal, neste momento não sei nada.

– O que queres dizer? – perguntou Chester.

– Julgava que ia voltar a ver o meu pai – Will baixou a cabeça ao responder. – Durante todo o tempo em que aquelas coisas terríveis nos estavam a acontecer, tinha uma esperança que me ajudava a continuar... Acreditava mesmo que ia voltar a estar com o meu pai. – Ergueu uma escova de dentes com o Rato Mickey. – Mas

agora esse sonho acabou. Ele morreu e tudo o que deixou é esta estúpida escova de dentes que me surriprou... e as maluqueiras que escreveu no diário.

Will agarrou num bocado de papel húmido e leu uma frase lá rabiscada.

– *Um «segundo sol»... no centro da Terra?* O que quer isto dizer? – suspirou pesadamente. – Nem sequer faz sentido.

Depois continuou quase num sussurro:

– E o Cal... – Will estremeceu com um soluço involuntário. – Foi por culpa minha que ele morreu. Eu devia ter feito qualquer coisa para o salvar. Devia ter-me entregado à Rebecca... – Estalou a língua contra os dentes, corrigindo-se –, às Rebeccas.

Levantou a cabeça, o olhar mortiço virado para Chester.

– Sempre que fecho os olhos, a única coisa que vejo são aquelas duas caras... como se estivessem gravadas nas minhas pálpebras, na própria escuridão... duas caras más e desprezíveis, a arengarem e a gritarem comigo. Parece que não as consigo arrancar daqui – disse ele, batendo na testa com força. – Oh, isto doeu! Porque é que fiz isto?

– Mas... – começou Chester a dizer.

– Bem podíamos acabar com isto. O que é que interessa? – interrompeu Will. – Não te lembras do que as Rebeccas disseram sobre a conspiração do Domínio? Não podemos fazer nada para os impedir de soltar o vírus na Superfície, pelo menos não aqui em baixo.

Com grande cerimónia, deixou cair a escova de dentes do Rato Mickey numa poça de aspecto gorduroso, como se estivesse a afogar o animal da pega toscamente pintado.

– O que é que interessa? – repetiu.

Chester estava a perder a calma muito rapidamente.

– O que interessa é: estamos aqui e estamos juntos e ganhamos àquelas vacas maldosas. É como... é como... – gaguejou um segundo, tentando expressar-se – ... é como num jogo de vídeo quando consegues uma segunda vida... sabes, quando tens outra tentativa. Deram-nos uma segunda oportunidade para deter as gémeas e salvar todas aquelas vidas na Superfície. – Tirou a escova de dentes da poça e, sacudindo a água, entregou-a a Will. – O que interessa é que nos safámos, ainda estamos vivos, por amor de Deus!

- Grande coisa! – murmurou Will entre dentes.
- Claro que é uma grande coisa!
- Chester sacudiu o ombro do amigo.
- Vá lá, Will, tu é que nos fazias continuar sempre, arrastando-nos atrás de ti, o maluco que... – Chester fez uma pausa para inspirar no meio da sua excitação. – Que *tinha* sempre de ver o que estava do outro lado da esquina. Lembras-te?
- Não foi isso que nos meteu neste sarilho? – retorquiu-lhe Will.
- Chester emitiu um som entre um «aah» e um «sim» e depois abanou a cabeça vigorosamente.
- E quero que saibas – a voz de Chester tremeu e calou-se ao mesmo tempo que ele desviava o olhar e se punha a remexer num bocado de rocha ao lado da bota.
- Will... fui um idiota tão grande.
- Isso agora já não importa – replicou Will.
- Importa sim. Eu agi como um menino mimado... fiquei tão farto de tudo... de ti.
- A voz de Chester voltou a ficar firme.
- Disse uma série de coisas que não sentia de verdade. E agora estou a *pedir-te* para fazeres as tuas explorações e prometo que nunca mais me volto a queixar. Desculpa.
- Não faz mal – murmurou Will, um bocadinho atrapalhado.
- Faz só aquilo que fazes melhor... descobre um caminho para sairmos daqui – incitou Chester.
- Vou tentar – respondeu Will.
- Chester deitou-lhe um olhar severo.
- Estou a contar com isso, Will. Todas as pessoas na Superfície estão também. Não te esqueças de que a minha mãe e o meu pai estão lá em cima. Não quero que apanhem o vírus e morram.
- Não, claro que não – replicou Will imediatamente, uma vez que a referência de Chester aos pais fez com que a situação ficasse perfeitamente nítida.
- Will sabia como o amigo adorava os pais e o destino deles e de muitas centenas de milhar – se não mesmo milhões – de pessoas podia estar arrumado se o plano dos Styx fosse avante.
- Então anda daí, companheiro – incitou Chester, estendendo-lhe a mão para o ajudar a levantar-se.
- Juntos, atravessaram a queda de água e passaram para a superfície elástica.

– Chester – disse Will, ficando mais parecido com o seu eu antigo –, há uma coisa que precisas de saber.

– E o que é?

– Reparaste em alguma coisa esquisita neste sítio? – perguntou Will, deitando um olhar interrogativo ao amigo.

Sem saber por onde começar, Chester sacudiu a cabeça, com a juba do cabelo encaracolado, encharcado de óleo, a bater-lhe com força na cara e uma madeixa a ficar-lhe presa na boca. Afastou-a imediatamente com uma expressão enojada e cuspiu várias vezes.

– Não, para além desta coisa onde aterrámos cheirar e *saber* pavorosamente mal.

– A minha suposição é que estamos em cima de um enorme fungo nojento – continuou Will. – Acabámos por cair numa espécie de rebordo desta coisa, deve estar a crescer para dentro do Poro. Uma vez vi uma coisa deste género na televisão: havia um fungo monstruoso na América que se estendia por mais de mil quilómetros no subsolo.

– Era isso que querias que...?

– Não – interrompeu Will. – Isso é que é interessante. Observa com atenção.

Tinha o globo de luz na palma da mão e atirou-o descontraindo a uma altura de cinco metros. Chester ficou a olhar embasbacado enquanto o globo parecia flutuar de volta à mão de Will. Era como se estivesse a assistir a uma cena em câmara lenta.

– Hei! Como é que fizeste isso?

– Experimenta tu – sugeriu Will, entregando o globo ao amigo.

– Mas não o atires com muita força ou ficas sem ele.

Chester fez o que Will sugerira, lançando-o ao ar. Mas fê-lo com demasiada força e o globo subiu uns vinte metros, iluminando o que parecia ser outra ramificação do fungo por cima deles, antes de flutuar misteriosamente para baixo, a luz a iluminar-lhes as caras.

– Como...? – arfou Chester, os olhos esbugalhados de espanto.

– Não sentes a... a falta de peso? – perguntou Will, tentando encontrar o termo correcto.

– É uma gravidade baixa. Calculo que seja à volta de um terço do que estamos habituados na Superfície – disse Will, apontando

com um dedo para cima. – Isso e a aterragem suave que fizemos neste fungo explicam porque é que não estamos transformados em panquecas neste preciso momento. Mas tem cuidado com a forma como te moves ou ainda acabas por saltar desta prateleira e cair outra vez para o Poro.

– Gravidade baixa – repetiu Chester, tentando absorver o que o amigo dissera. – O que quer isso dizer exactamente?

– Quer dizer que devemos ter caído *muito* fundo.

Chester olhou para ele sem perceber.

– Já alguma vez te interrogaste sobre o que haveria no centro da Terra? – perguntou Will.

